



Deixei há pouco a direção do Secretariado para a Família da Conferência Episcopal Italiana e tenho bem presentes as perspectivas da Pastoral Familiar nas 226 dioceses de Itália. Pude constatar pessoalmente, ao encontrar tantos casais das Equipes em numerosas cidades da Itália e a colaborar diretamente com eles, quanto e como é consciente e séria a vossa caminhada e como é capaz de conduzir os casais num caminho de crescimento espiritual que se vai tornando um caminho de santidade. Sinto-me, pois, feliz por poder testemunhar essa estima e, ao mesmo tempo, desejo que esta minha presença encoraje a motivação profunda que nos leva a trabalhar com e para a família, mesmo porque Deus não criou melhor imagem para se dar a conhecer: a carteira de identidade que estabeleceu, que difundiu pelo mundo para que, desde o início da Criação, fosse reconhecido, é o homem e a mulher. E se quisermos ir ao encontro de Deus, saibamos que Ele já tem uma maneira própria de se apresentar. Antes de se fazer anunciar por outros, Ele quis apresentar-se a si próprio: “Eu sou” no seio da relação “homem - mulher”.

Para conseguirmos apreender a verdade no seu todo, o nosso olhar deve obviamente voltar-se para Jesus Cristo, o Senhor, a quem queremos chamar, sem hesitação, de o “Esposo”. Não tenhais medo de defini-lo como “Esposo”. Em primeiro lugar, no Evangelho, Ele apresentou-se como o Esposo. “Eu sou o Esposo”. Os discípulos não podem estar tristes enquanto têm consigo o Esposo (cf. Mc 2,19-20). Por isso, não tenhamos receio de olhar Jesus nessa ótica, pois o próprio Jesus, o Senhor, o Esposo, revelou-nos o “coração nupcial” de Deus, no sentido da relação de amor entre as três Pessoas divinas. Imaginemos Deus, tal como Jesus no-lo revelou: Pai, Filho e Espírito Santo. O que nos revelou? Manifestou que no seio dessa realidade há um coração nupcial, onde existe uma perfeita unidade e uma perfeita distinção, ou seja, três Pessoas ligadas entre si pela mesma natureza absoluta: o Amor. Veio nos dizer que Deus Trindade é essa plenitude ao mesmo tempo de distinção e união no amor que, à luz da palavra de Jesus e de toda a Bíblia, conseguimos perceber como um coração nupcial. Mais ainda, a partir daí compreendemos o que quer dizer ter criado a “nupcialidade”, ter criado o homem e a mulher à sua imagem e semelhança.

Deus, ao criar o homem e a mulher, quis revelar-se a Si mesmo; melhor ainda, Deus repartiu algo de Si próprio na criação do homem e da mulher: “à *imagem de Deus, Ele o criou*” (Gn 1,27) observem o singular utilizado na Bíblia – “*macho e fêmea, Ele o criou*” (Gn 1,27c), dando já a conhecer, nestas palavras, essa unidade e distinção. Deus fez participar o homem e a mulher no seu mistério de nupcialidade, quis que o casal fosse “a definição e a revelação” do seu Ser e de Sua ação, algo que o manifestasse nessa Criação imensa e magnífica, algo que O definisse, que dissesse quem é Deus. Assim sendo, qual o sentido dessa beleza extraordinária que é a Criação, senão o homem e a mulher feitos à imagem de Deus? No vértice de toda a Criação, que outra coisa quis Deus dizer, senão esse algo que pudesse exprimi-Lo melhor que qualquer outra criatura, Ele, uno e trino. Deus quis comunicar a sua nupcialidade: assim podemos dizer que o casal-família serve a Deus para manifestar à humanidade o seu próprio mundo interior. Onde posso eu descobrir o mundo mais íntimo, intenso e profundo de Deus a não ser no casal: “à *imagem de Deus, o criou; homem e mulher os criou*”.

Ensina-nos a contemplar Deus nas estrelas, na variedade das flores, na beleza de uma paisagem, no frescor de uma nascente; ensinam-nos a admirar o infinito de Deus na

imensidão do oceano, no mar, na majestade das montanhas. Tentem perguntar às montanhas como vive Deus...

Lembro-me de um vôo Milão-Budapeste, alguns anos atrás, em janeiro, durante o qual atravessamos, num lindo dia, os Alpes cobertos de neve. Sem dúvida, era uma paisagem incomparável. O passageiro ao meu lado não cabia em si e dizia sem parar: “Deus do céu, que maravilha, Senhor, que beleza!”. Também eu me sentia feliz, mas contudo eu lhe disse: “Atenção, todas estas montanhas juntas não nos dizem como vive Deus. Se, nessas montanhas houvesse um só casal, homem e mulher, esse casalalaria mais de Deus do que todas estas montanhas juntas, porque Deus é amor”. As montanhas, o céu estrelado, a beleza das flores, nada disso explica que Deus é amor. O amor de Deus vislumbro-o na beleza do beijo de um homem e de uma mulher: esta é a mais bela imagem para mostrar que Deus é amor. Deus quis manifestar e revelar o seu ser ao criar o homem e a mulher; é por isso que o casal tem um papel decisivo e estratégico de mediação para mostrar Deus e a sua vida. Em meio a toda a criação, quem me faz compreender quem é Deus? É o homem e a mulher e a sua relação.

Podemos realmente dizer que do ponto de vista teológico e antropológico a relação homem- mulher é um caminho para conhecer Deus. É o primeiro caminho que nos conduz ao conhecimento de Deus, pois está ao alcance de todos. Quando viveis o amor, de que fazeis a experiência? Será a mesma da de dois chimpanzés que se unem para procriar? De onde vem essa realidade do dom livre, total e definitivo do amor? Quem a inventou? Quando vivo o amor autêntico em toda as suas manifestações, vinte e quatro horas por dia, vivo uma experiência divina que pertence ao mundo de Deus; vivo-a, obviamente, de forma limitada e dividida, que comporta alegria, dor, cansaço; mas vivo uma experiência de Deus!

O casal é um caminho para o conhecimento do mistério de Deus, ainda que Deus permaneça o *Todo Outro*.

O casal revela algo de Deus e da Sua vida.

Mas há algo de mais belo ainda: o casal mostra também o destino último que Deus prepara para a humanidade. Se Deus é nupcialidade, qualquer casal, a vida de um casal, revela um pouco como será a nossa união com Deus. Será uma união nupcial, uma união plena, uma união dá qual a união homem-mulher é somente uma imagem. Basta pensar na união que se estabelece no abraço de amor entre um homem e uma mulher, união tão bela, tão extraordinária! Esta união entre o homem e a mulher é uma imagem que nos faz pressentir a união que viveremos com Deus.

Se eu, celibatário, quiser compreender e entrever o tipo de união que viverei e que viveréis com Deus, para onde devo olhar? Devo contemplar a beleza da união de um homem e de uma mulher; ela me faz perceber que viverei uma união ainda maior, para além da beleza unitiva que me é manifestada na imagem da união de um homem e de uma mulher.

Se o casal mostra Deus, a sua vida e o seu mundo, mostra também o destino último que Deus prepara para a humanidade. Deus manifesta-se assim através do casal, Deus faz do casal humano a sua própria expressão.

Deus decidiu de que maneira deveria apresentar-se a Si mesmo, e como se manifestar por Si próprio.

Entristece-me saber que na Igreja é pouco usada esta palavra, que designo como “palavra-carne”, “palavra-imagem”, “palavra-parábola”, isto é, a realidade do casal. Essa é

uma “palavra” que Deus utilizou sem proferir um verbo, que utilizou para comunicar-se Ele próprio com o homem.

Como usa a Igreja esta imagem para anunciar Deus? Primeiro deveríamos perguntar: quantos casais têm consciência de ser, como casal, a palavra pronunciada por Deus?

Nós somos palavra. Sois palavra sobre Deus. Sois a comunicação não verbal de Deus.

Sem pregação, apenas cultivando o vosso amor, direis algo que não tem limites. Ainda que vivendo o amor nos limites do nosso corpo e da nossa pessoa (aqui cada cônjuge deve listar os defeitos de um e de outro), percebeis, entretanto, que o amor que está em vós não tem limites.

Quem de vós pode afirmar ter amado o bastante? Quem de vós pode dizer que conhece o limite do seu amor? Ou quantos de vós, em vista de sua forte e autêntica experiência da vida de casal, podem dizer que têm um pelo outro um amor infinito? Espero que vários dentre vós já tenham feito a experiência, tenham tido a consciência de que possuem uma capacidade de amar que ultrapassa a vossa capacidade física de comunicá-lo. É certo que recebemos esse corpo para manifestar o amor, mas é ainda mais importante perceber que este corpo é insuficiente para expressar todo o amor que sentimos por nossa mulher ou por nosso marido. É assim que descobrimos até que ponto e de que maneira o amor infinito de Deus se expressa na realidade do casal humano.

É fácil verificá-lo. Quando se começa a conversar com casais percebe-se logo a linguagem utilizada: “Sinto por ti um amor sem limite, amo-te sem medida!”. Esta expressão “sem medida” é a dimensão de um amor verdadeiro, assim também “para sempre”. Quando o amor nasce nos corações apaixonados, um amor autêntico, estável, cheio de projetos, aberto ao futuro, diz-se: “Amar-te-ei para sempre”, “é impossível viver sem ti”. Em cada um de nós está o amor infinito de Deus. Deus expressou-se através do casal; não podemos mais buscar o infinito de Deus no céu estrelado e não procurá-lo na profundidade do amor que viveis; deixai falar o amor que está em vós, fazei crescer o amor que está em vós, sem esmorecer. Quantos casais vivem estagnados, estáticos!

Quando pensamos que o amor acabou, quando só buscamos uma convivência pacífica, nesta altura estamos nos afastando da nascente autêntica. A vossa condição de homem e mulher tem sua origem na Trindade.

Sois mais do que o vosso nome; o vosso amor não tem somente um nome, o vosso, mas sem dúvida outro: “Trindade”.

E assim como se usam roupas de grife, tende a coragem de ver a grife que identifica o vosso amor. Percebereis que é uma qualidade do amor ligada a uma nascente única e inesgotável, a nascente trinitária. É preciso redescobrir a nascente da qual emana o amor, o amor que está em vós, aquele que manifestais como casal. Assim compreenderéis que Deus se expressa, que Deus não acabou de expressar-se quando criou o homem e a mulher. “E Deus descansou”. Não disse: “Está bem, ide embora, não quero mais saber de vós”, pois Deus ainda hoje se expressa na relação homem - mulher.

Nós dois, marido e mulher, provimos da Trindade, nós dois somos na Terra a imagem da Trindade.

E é na vossa vivência diária que Deus nos fala, hoje, do seu amor infinito.

Se Deus Trino se exprime no casal humano, então também há a outra vertente: o casal humano pode exprimir Deus a partir da sua própria condição, porque é a Sua imagem. Se Deus se exprime em nós, então nós dois também podemos dar testemunho de Deus a partir da nossa experiência vivida.

Uma recordação do tempo em que eu era pároco de uma pequena paróquia da diocese de Verona, perto do Lago de Garda, com 150 habitantes. No mês de outubro, a administração municipal proporcionava aos casais idosos a possibilidade de férias a baixo custo nos hotéis semi-vazios da região. E era bonito ver às margens do lago velhinhos de 80 anos de mãos dadas. Parei para lhes perguntar: “Ainda se amam tanto assim?”. E me respondiam: “Poderíamos nos casar de novo”.

O que significa chegar aos oitenta e compreender que essa pessoa ainda é o homem ou a mulher de minha vida? Significa que crescemos, sem o que acabaríamos numa convivialidade monótona. Se eu sou uma pessoa que cresceu, então sou capaz de exprimir um amor de Deus que não se cansa, um amor de Deus que não cessa de amar nem por um instante, um amor de Deus que é misericórdia, um amor de Deus que ultrapassa os gestos de hoje, pois já prenuncia o que será o de amanhã.

Podeis ser esse lugar em que Deus se exprime; sois chamados a manifestar a ternura de Deus por vossa vida de ternura.

Deus manifesta-se no casal humano, e o casal pode e é mesmo chamado a testemunhar e a falar de Deus da maneira mais assimilável e crível para o mundo contemporâneo.

Podeis falar de Deus no supermercado, no cabeleireiro, podeis falar d’Ele no correio, na escola. Podeis falar de Deus sem lhe pronunciar o nome. Podeis ser a sua presença de amor sem lhe celebrar os ritos. Essa é a maneira de falar de Deus.

Contudo, não é só isso. O Senhor Jesus fez essa escolha para exprimir o seu mistério de amor pela Igreja, por isso esta realidade extraordinária do homem e da mulher é o sacramento do matrimônio. Por esse sacramento, a relação conjugal, tornada livre do pecado e imagem de Deus pela redenção, foi integrada na relação sponsal que une Cristo à sua Igreja. É toda a teologia do sacramento do matrimônio, pela qual os esposos são, no próprio coração de sua relação concreta, simples e humana, portadores da dimensão da aliança nupcial que Deus efetuou com toda a humanidade.

Cristo, o Esposo, continua a amar a humanidade unindo-a ao seu próprio corpo. Pensemos como Jesus ressuscitado une a si pelo batismo todos os homens, une-os a si como o seu corpo, dando-lhes o seu Espírito pelo sacramento da confirmação. Ele os une a si numa só carne pela Eucaristia. Que grandeza vemos hoje no amor de Cristo por sua Igreja! Ele quis que houvesse um sacramento, o sacramento do matrimônio, que pudesse tornar atual de forma eficaz a relação sponsal de amor que existe entre Ele e a sua Igreja. E é por isso que o sacramento do matrimônio é a realização na Terra da união de Deus com a humanidade e de Cristo com a sua Igreja.

E para confirmar isto de forma crível, vejamos algumas citações do magistério, por exemplo a *Familiaris Consortio*, nº 13, onde lemos: “O matrimônio dos batizados torna-se assim o símbolo real da Nova e Eterna Aliança, selada no sangue de Cristo”: (Compreendeis o quer dizer “símbolo real”? Parece uma contradição nos termos, porque o símbolo não é real, mas sinal. Numa bandeira não está escrito o país que representa, ela é só um símbolo, enquanto nós sabemos que na realidade sacramental o símbolo contém a realidade, da mesma forma que eu, sacerdote, sou para vós sinal de Jesus Pastor, e no meio de vós não sou apenas

uma lembrança, um sinal vazio, porque posso realizar eficazmente o gesto de Jesus Pastor, quando eu próprio digo “Eu te absolvo”, “Isto é o meu corpo”, “Isto é o meu sangue”. É esse o sentido do símbolo real. Os cônjuges são um símbolo real, não uma simples bandeirola; possuem em seu coração o amor de Cristo pela Igreja). O Espírito que o Senhor infunde lhes dá um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amar, como Cristo nos amou”. Isto quer dizer que nos cônjuges, pelo sacramento do matrimônio, habita o potencial de amor que une Deus à humanidade e Cristo à sua Igreja.

Lede as intervenções dirigidas pelo Santo Padre às Equipes de Nossa Senhora em várias circunstâncias. Procurai a riqueza contida nas suas explicações sacramentais.

É realmente algo de novo. Isto é, em cada casal há uma presença de Cristo. Vós tendes confiança no sacerdote, independentemente do seu rosto ou das suas ações, porque sabeis que no sacerdote que absolve, etc., está a presença de Cristo Pastor.

É tempo de também recuperar esta fé em relação ao vosso sacramento: sois a presença de Cristo Ressuscitado. A vossa vida de casal, a vossa relação é um tabernáculo que encerra Cristo; a vossa casa, que a abriga, é também habitada por Cristo. Enchei pois a casa de flores frescas para mostrar a todos que acreditais em Cristo presente no vosso lar.

Não sois de Deus só porque vos lembrais de rezar uma Ave Maria ou de preparar uma reunião, sois de Deus antes de mais nada por serdes homem e mulher criados por Deus; e sois de Deus, pertenceis a Cristo pelo sacramento que celebrastes.

João Paulo II usa freqüentemente uma expressão muito bela: “O casal é habitado pelo mistério da Aliança. Tornaste-vos partícipes da Aliança de amor que Deus estabeleceu com a humanidade e com a Igreja”.

Como também bela é a expressão usada pelo Concílio Vaticano II, na *Gaudium et Spes* nº 48, quando diz que é dado aos casais “*participar*” do amor esponsal que une Deus à humanidade e Cristo à sua Igreja.

Um trecho da *Carta do Santo Padre às Famílias*, no nº 19, nos diz algo de maravilhoso: “*Não se pode compreender a Igreja como Corpo Místico de Cristo, [...] como sacramento universal de salvação em Cristo, sem se referir ao “grande mistério” relacionado com a criação do homem, homem e mulher...*”

Por isso, eu não posso compreender a minha paróquia, um bispo não pode compreender a sua diocese sem fazer referência ao grande mistério que lhes está ligado, o do homem e da mulher.

Assim também, pode-se ler mais adiante na mesma carta do Papa: “*A própria família é o grande mistério de Deus. Como ‘Igreja doméstica’, ela é esposa de Cristo, a Igreja universal, e cada Igreja particular revela-se nela, de imediato, como a esposa de Cristo, na Igreja doméstica*”.

Por que não se pode entender a Igreja sem entender a relação homem-mulher? O que é a Igreja? O que é a paróquia? Cristo Ressuscitado está aí presente e vivo. Somos as pessoas que crêem que Jesus continua vivo. E o que faz Jesus vivo, ressuscitado, e presente com um amor único e apaixonado? Ele coloca sinais eficazes para unir essas pessoas ao seu Corpo.

Como um homem se une à mulher, assim também Cristo Ressuscitado une a si, pelo batismo, todos os batizados, comunica o seu Espírito Santo para que “respirem” o seu próprio Espírito, dá a Eucaristia para realizar com eles um só corpo nEle.

Para entrever a unidade a que Cristo chama a sua Igreja, deveríamos considerar o mais belo casal que conheçamos, admirar a maneira pela qual se amam, se beijam, se acariciam, se olham, vivem juntos, e pensar que Cristo Ressuscitado trabalha para construir uma unidade ainda mais forte com a sua Igreja.

Vós sois uma palavra que pode fazer compreender o que é a Igreja.

Compreendeis o valor do sacramento como memorial, atualização e profecia do amor de Cristo pela sua Igreja? Mas para fazê-lo compreender ao mundo, sois chamados a vivê-lo numa união permanente, vinte e quatro horas por dia, a cada dia, mostrando assim o que sois antes de mostrar o que fazeis.

Cristo, ao dar um ao outro o homem e a mulher, pede-lhes que se tornem, enquanto pessoas casadas e pela sua história conjugal, “definição e manifestação” da relação de Cristo com a Igreja, sua Esposa.

Assim, como Cristo manifesta o mistério do Pai, por suas palavras e atos, assim também os esposos, pela sua realidade conjugal, são chamados a ser “palavra encarnada”, “carne feita palavra”.

Daí resulta o seu dia a dia já estar repleto da presença de Deus e já lhes ser possível comunicar Deus.

Toda a vossa vida está cheia de Deus. Pelo sacramento do matrimônio, Deus está mais presente em vós do que o imaginais. Na plenitude da relação entre homem e mulher, celebro, mesmo na distância infinita entre a criatura e o criador, a realidade trinitária da perfeita distinção e unidade de amor, celebro o mistério de amor que une Cristo à sua Igreja.

É preciso que entendais que os nossos casais cristãos são chamados a entrar em concorrência no mercado cultural para testemunhar a extraordinária beleza do ser homem e mulher. Se os cristãos levam em si a presença do Espírito, qual não deveria ser a sua maneira de viver a sexualidade, a ternura, o encontro, o olhar, o abraço, a colaboração, a coabitação?

Os que não crêem deveriam então perguntar aos cristãos: “Mas como conseguem amar-se tão bem?”. “Temos o Espírito Santo”, deveriam ouvir em resposta. “E o que fazem para conseguir uma convivência tão boa?” “É o Espírito Santo!”

É o Espírito Santo que produz em vós uma corporalidade tal que vos permita viver em plenitude o projeto original, a ponto de manifestar, de fazer transparecer o mistério último que vos foi manifestado por Jesus Cristo, que ama até dar a sua vida, que ama a sua Igreja até o ponto de uni-la a Ele em seu corpo. Compreendeis bem a que ideal fostes chamados?

Contemplai o mistério, a grandeza que há em vós e percebereis que a vossa humanidade concreta se reveste de uma beleza capaz de ser transfigurada.

E sereis a rocha que, tocada pela vara do Espírito Santo graças ao sacramento, pode fazer jorrar nascentes de água viva para o nosso mundo sedento.

Se os cristãos redescobrissem que a sua sexualidade, a sua corporeidade são de origem trinitária, marcadas com o sinal de um sacramento pelo amplexo de Deus, perceberiam o potencial humano e evangelizador do qual participam.

O mistério já está em vós, na vossa própria história de amor.

Este mistério de amor está dentro de vós, como a implorar um rosto, o rosto claro e luminoso do vosso próprio amor.

Este Cristo, apaixonado pela sua Igreja, esta Trindade que habita em vós, pedem-vos, suplicam-vos: dêem-me um rosto!. Dai-me um rosto para que me reconheçam como o Cristo Esposo. Dai-me um rosto, para que me conheçam como Aquele que criou a beleza do homem e da mulher.

Aos esposos foi confiado um grande magistério, um magistério encarnado, uma manifestação de Deus.

A Igreja produz documentos, vós “sois palavra-carne”, comunicação não verbal.

Multiplicam-se os documentos da Igreja sobre o matrimônio e a família, mas arriscam não ter ouvintes. Vós sois chamados a fazer circular “vida”, uma vida que mostre a beleza do ser humano criado e redimido por Deus.

Podemos dar a conhecer Deus ou ocultá-lo, manifestar a sua beleza, ou escondê-la por nossa maneira fechada de viver.

Deveríamos voltar hoje à passagem da Bíblia que narra a parte final da criação do homem e da mulher: “*Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom*” (Gn 1,31a).

O mundo de hoje, ao ver os casais cristãos, deveria poder dizer: Deus fez algo de muito bom!